



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 16 – Ano VIII – 10/2019
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Capoeira¹: o que queremos preservar?

Prof. Dr. Leandro Ribeiro Palhares

Doutor em Estudos Interdisciplinares do Lazer – EEEFTO-UFMG – Brasil

Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales
do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3832130931221600>

E-mail: leandro_palhares@yahoo.com.br

Resumo: Este ensaio tem por objetivo analisar a Capoeira, apresentando uma árvore como metáfora: sua copa, seus galhos, seu tronco e suas raízes podem ser entendidos como os diferentes estilos de Capoeira. Desta forma, talvez seja possível favorecer a compreensão, especialmente dos capoeiristas, que não é possível falar em Capoeira; o que existe são Capoeiras. E, quanto mais formos ao encontro de suas raízes, ancestrais e primitivas, mais encontraremos os verdadeiros, legítimos e éticos fundamentos da capoeiragem.

Palavras-chave: Capoeira. Ancestralidade. Fundamentos.

¹ O conceito, complexo e dinâmico, que expressa esta palavra não é de minha autoria, mas de Frederico José de Abreu (*1947 †2013), em sua obra sobre as Capoeiras na Bahia, no Século XIX. Através do título desse texto presto aqui reverência e homenagem à Frede, que gentilmente oportunizou aos 'antigos' darem seu grito, contarem suas histórias e deixarem registrados os fundamentos ancestrais da capoeiragem (ABREU, 1999, 2003, 2005, 2011, 2013, 2014, 2017; DOWNEY; ABREU, 2013; COUTINHO, 1993). Noronha, Nagé, Waldemar, Bimba, Pastinha e Macaco Beleza agradecem! Nós agradecemos!! Viva Frede, sempre!!!

Introdução

Nas sociedades modernas – capitalistas, eurocêtricas ou estadunidenses – onde o mundo é acelerado e extremamente visível pelas tecnologias, enquanto o planeta vem sendo invisibilizado e em franco processo de extinção, nos atentamos mais para os produtos que aos processos. No meio acadêmico se valorizam (bem) mais os números, gráficos e estatísticas que a significação, real e efetiva (afetiva), dos sujeitos das pesquisas; os sobrenomes valem mais que os nomes – e mais ainda que os saberes das pessoas. Já na natureza, todos querem consumir as lindas flores e saborosas frutas, mas poucos dão atenção às raízes: muitas vezes secas, contorcidas, sem cor e viço, fora dos padrões de estética, mas que sem elas sequer existiriam as árvores e o que dirá suas flores e frutos. Os dois exemplos acima retratam o que acontece com a Capoeira nos dias de hoje: por décadas seus milhões de praticantes pelo mundo fixam seus olhares desejosos quase que exclusivamente para sua copa frondosa; esquecendo-se das suas raízes e tronco – suculentos de nutrientes culturais, porém, sem o objetivo de serem transformados em produtos culturais e comercializados pelos ‘grupos empresas’ e seus mestres, ‘empresários’ da Capoeira; mas para serem estudados, compreendidos, praticados com a finalidade de evitar sua extinção, bem como a salvaguarda de seus fundamentos².

Este texto tem por objetivo abordar esta árvore chamada Capoeira, com sua copa, seus galhos, seu tronco e raízes, bem como, mostrar a importância fundamental de observar os fenômenos como um todo e não apenas de um ponto de vista – no caso da Capoeira, observar mais para baixo, se aproximando de suas raízes ancestrais.

Compreendendo para respeitar

Ao se falar de Capoeira normalmente vem à cabeça (principalmente dos não capoeiristas) os saltos, as piruetas, os belos desempenhos corporais, a velocidade

² Segundo Abbagnano (2012, p. 553), fundamento é a “... causa, no sentido de razão de ser”. Na Capoeira, fundamento são “... os Saberes ritualísticos, gestuais, musicais, filosóficos e espirituais acumulados ao longo da vida e que são transmitidos de Mestre para discípulo” (PALHARES, 2018, p. 20).

na execução dos movimentos, todos embalados por cantos e toques de instrumentos igualmente acelerados e energizantes. Para quem compreende um pouco mais, se sabe de, pelo menos, uma distinção entre este estilo – por muitos chamados de regional (inclusive por inúmeros praticantes) – e outro, cuja configuração dos instrumentos, cantos e corpos são menos velozes e frenéticos, chamado de angola.

E é por aqui que inicio minhas reflexões, pois o primeiro estilo em nada tem a ver com a Capoeira Regional. Esta foi uma criação do Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado, *1900 †1974) em uma tentativa (que deu certo) de sistematizar, organizar academicamente e esportivizar a Capoeira em um formato de luta marcial para ser aceita pela sociedade da época e com isso promover sua visibilidade, descriminalização e disseminação. Seu contraponto cultural, social e, porque não dizer filosófico, foi a Capoeira Angola, criada por Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha, *1889 †1981) também visando sistematizar, organizar e preservar, porém outra perspectiva de Capoeira: a que se colocava como uma prática cultural e artística para além dos gestos corporais e, com isso, também ser socialmente aceita – por outro viés: estético, artístico e ritualístico.

A partir desta diferenciação surgem duas questões centrais para o desenvolvimento deste trabalho, que passo a abordar, individualmente, a partir de agora.

Qual seria o estilo de Capoeira que já a algumas décadas (a partir de 1950 e com mais força de 1970 em diante) vem sendo amplamente disseminado pelo mundo? Muitos, especialmente seus praticantes, o chamam de contemporâneo, configurando a esta Capoeira o significado de moderna, atual – em detrimentos aos outros estilos, mais antigos em relação à gênese e início de desenvolvimento. A partir do conhecimento dado pelo pluriverso³ da práxis da Capoeira, passo a analisar essas possíveis terminologias.

O termo ‘contemporâneo’ é um adjetivo e substantivo masculino, de origem etimológica do Latim (*contemporaneus*), que significa “que é do mesmo tempo” ou

³ Termo do pensador descolonial Walter D. Mignolo (MIGNOLO, 2010), que indica “[...] um conceito não totalitário de totalidade [...]” (p. 16), ou seja, totalidades que coexistem – um exercício epistêmico, político e ideológico de desparametrização eurocêntrica que para tudo existe uma única razão hierarquizada. Dito de outro modo, o termo “[...] concebe o acontecer histórico em sua multiplicidade [...] entrelaçado por relações coloniais de poder [...]” (p. 16).

“que vive na mesma época” (FERREIRA, 2009, p. 535). Desta forma, nenhuma das Capoeiras até aqui abordadas poderia ser destacada com esta terminologia, pois todos os estilos são atuais, vigentes, praticados nos dias de hoje e, portanto, da mesma época.

Já o termo ‘moderno’ é um adjetivo, também de origem etimológica do Latim (*modernu*), significando “dos tempos atuais ou mais próximos de nós”; “recente”; “atual, presente” (FERREIRA, 2009, p. 1345). Desse modo, novamente, as Capoeiras podem ser consideradas modernas, pois são contemporâneas umas às outras, pertencentes a uma mesma temporalidade atual.

O termo ‘atual’ é um adjetivo de dois gêneros, cuja origem etimológica do Latim (*actuale*) significa “que ocorre no momento em que se fala, no presente”; “de sua época; que não é antiquado”; “imediato, efetivo, real” (FERREIRA, 2009, p. 227). Assim como nas análises anteriores, os três estilos de Capoeira até aqui abordados se enquadram nesta definição, já que todos existem atualmente e são efetivamente praticados.

Portanto, nenhuma dessas nomenclaturas seria adequada para rotular esta Capoeira mais acrobática, com movimentos ginásticos e elementos circenses, baseada em treinos e desempenhos esportivos e deixando as questões culturais resumidas à presença da bateria de instrumento e ao canto – ambos com funções de energizar as rodas, um verdadeiro ‘DJ cultural’. Contemporânea, moderna, atual também pode servir para designar as Capoeiras Angola e Regional, não apresentando nada de específico às suas características.

Venho neste trabalho sugerir outro termo, mais condizente com as características acima citadas e com o caráter de espetacularização e formatação empresarial e capitalista que este estilo vem se aperfeiçoando ao longo dos tempos: Capoeira Esportiva; ou Capoeira Esporte; ou ainda, Capoeira Esportivizada.

O termo ‘esporte’ é um substantivo masculino, de origem etimológica do Inglês (*sport*), que significa “o conjunto dos exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipes” (FERREIRA, 2009, p. 814). Já Barbanti (2006, p. 57), apresenta um conceito considerando questões fisiológicas, sociais e comportamentais relativas à Educação Física: “Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades

motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos”.

Ao relacionar o significado e o conceito de esporte, acima apresentados, destaco pontos em comum, tais como: o corpo (aquele que promove o esforço físico); a metodização (sistematização; periodização; introdução de conceitos de algumas ciências da Educação Física); competitividade (superação, força de vontade; mas também ‘rivalismos’, violência, processos excludentes; e, nos tempos atuais, a midiaticização dos desempenhos); a institucionalização (instituir regras; organizar), dos jogos e das pessoas. Uma possível interpretação associada à Capoeira seria o uso das pessoas na promoção de seus desempenhos (ou a autopromoção), se valendo das mídias disponíveis (desde a televisão até as redes sociais), em torno de mecanismos institucionais (os grupos), para fins competitivos (nichos de mercado; ocupação de determinados espaços sociais que agreguem valor – capital cultural; e, conseqüente, aumento do poder social de grupos e/ou Mestres). Para tanto, os capoeiristas enquanto aprendem a tocar instrumentos, cantar e jogar, são subjetivamente ‘educados’ (conduzidos; ‘adestrados’) para um determinado perfil físico-motor-comportamental: serem velozes, ágeis, flexíveis, fortes, que desempenhem minimamente acrobacias e saltos (de origem ginástica e/ou circense), adeptos de uma rotina atlética (cuidados com alimentação; treinos de outras modalidades como suporte; algumas vezes até algum tipo de assessoria/consultoria – mesmo que não oficial) e que se (auto)ressignifiquem como lutadores, ‘guerreiros’, para serem efetivamente aceitos como membros daquele grupo. Para além disso, os seguidores deste estilo de Capoeira (Mestres e alunos) são adeptos aos campeonatos e torneios – momentos em que podem demonstrar suas capacidades, técnicas e habilidades e, com isso, fazer com que todo o sistema comercial-mercadológico-empresarial-financeiro que já se instalou em torno desse estilo possa se aperfeiçoar.

Assim, entendo que a denominação ‘Capoeira Esportiva’ torna-se mais coerente para o viés da espetacularização e da esportivização da Capoeira, organizada seguindo preceitos mercadológicos e empresariais, para fins da obtenção de metas financeiras e satisfação de ego, individual e coletivo (PALHARES; NONATO, 2018).

A segunda questão central que se apresenta para o desenvolvimento desse texto seria: de onde vem as Capoeiras Regional, Angola e Esportiva? Sabe-se que a Capoeira foi criada e desenvolvida no Brasil, por africanos de diferentes etnias, por ocasião da escravidão. Por outro lado, os três estilos de Capoeira tratados até aqui neste texto surgiram no Século XX, portanto, qual é o estilo de Capoeira que antecedeu e originou os três estilos midiaticamente mais conhecidos? Alguns nomes lhe são cunhados, como por exemplo, antiga e/ou tradicional. Novamente, me baseando no pluriverso capoeirístico, analiso, a seguir, essas terminologias.

O termo ‘antigo’ é um adjetivo, de origem etimológica do Latim (*antiquu*), que significa “do tempo remoto”; “que existiu no passado”; “que sucedeu outrora”; “que é, ou existe, desde muito tempo; velho”; “que já não está em exercício” (FERREIRA, 2009, p. 149). Com isso, nenhuma das Capoeiras até aqui abordadas poderia ser destacada com esta terminologia já que todas existem a muito tempo (a mais recente – Capoeira Esportiva, tem cerca de 60 anos de existência), mas, principalmente, porque atualmente todos os estilos existem e são praticados; portanto, nenhum deles deixou de existir e/ou foi sucedido por outro.

Já o termo ‘tradicional’ é um adjetivo de dois gêneros que se remete (pertencente) à tradição. Este, por sua vez, é um substantivo feminino, de origem etimológica do Latim (*traditione*), significando “ato de transmitir ou entregar”; “transmissão oral de lendas, fatos, etc, de idade em idade, geração em geração”; “conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados”; “recordação, memória” (FERREIRA, 2009, p. 1972). Os quatro estilos de Capoeira até aqui abordados podem ser considerados tradicionais, pois tem suas tradições: predominância da transmissão oral de seus conteúdos, elementos e códigos rituais e a valorização das memórias dos antigos, dos mais velhos e/ou dos mais experientes.

Portanto, nenhuma dessas nomenclaturas é adequada para rotular esta Capoeira que, segundo Palhares e Nonato (2018), se constituiu na temporalidade entre 1850 a 1930, aproximadamente, e que herdou dos ancestrais africanos a corporalidade com propósito para uma luta ética, uma musicalidade com cantos narrativos (que educavam os corpos) e o intelecto para codificar os fundamentos nos toques de berimbaus: marcações, dobras, repiques e formações de bateria (para mediar os conflitos internos e fortalecer aqueles coletivos na resistência ao sistema

vigente). Antiga e tradicional também podem servir para adjetivar as Capoeiras Regional, Angola e Esportiva, não apresentando nada de específico às suas características.

Venho aqui sugerir outro termo, mais condizente com as características acima citadas e com o caráter decolonial, coletivo, de resistência e sem fins capitalistas/mercadológicos: Capoeira Ancestral.

O termo 'ancestral' é um adjetivo de dois gêneros, de origem etimológica francesa (*ancestral*), que significa “relativo ou pertencente a antecessores, a antepassados”; “indivíduo do qual descendem outros indivíduos, ou grupos biológicos ou sociais”; “antepassado, considerado como objeto de culto, e cuja relação com os indivíduos vivos pode ser estabelecida tanto por genealogias reais [...] quanto [...] fictícias – ancestrais” (FERREIRA, 2009, p.131). Frei Chico – Poel (2013, p.59), aponta uma definição marcada pelas religiosidades e culturas populares brasileiras: “Antepassados tradicionais e presumidos de um povo, clã ou linhagem. Constituem uma importante dimensão histórica de qualquer sociedade, ganhando maior destaque na vida de povos itinerantes e de tradição oral”.

A ancestralidade – qualidade de ancestral, própria dos antepassados – se apresenta como uma dimensão histórica fundamental para sociedades em que a principal fonte de salvaguarda e transmissão dos seus saberes é a corpo-oralidade (PALHARES; 2018; POEL, 2013), como exemplo as comunidades capoeirísticas que existiam no período temporal acima destacado. Apesar dos aspectos corporais e orais permearem todas as Capoeiras, a ancestralidade não se apresenta como característica fundante dos estilos Regional, Angola e, especialmente, o Esportivizado. Os Mestres Bimba e Pastinha aprenderam com africanos, mas a Capoeira que lhes foi ensinada não foi Regional e Angola, respectivamente; mas a única que existia naquele momento (que aqui nomeio Ancestral). Dito de outra forma, esses dois Mestres, e suas criações, tem ancestralidade na Capoeira que aqueles africanos os ensinaram na Bahia – e deles 'para trás' até chegar no África. Já a Capoeira Esportiva praticamente não apresenta um caráter ancestral (linha geracional direta com africanos), pois ela é uma criação exclusivamente brasileira e bem recente (cerca de apenas 50 anos de existência).

Por outro lado, a Capoeira que precedeu esses três estilos, sendo sua fonte matricial, e que perdura até os dias de hoje, teve como seus primeiros praticantes

descendentes de grupos sociais antigos do Recôncavo Baiano, que descendiam de africanos que sobreviviam no Brasil, que descendiam de povos da África. Esta ideia de ascendência, ou seja, de linha de gerações anteriores, vai ao encontro das linhagens de capoeiristas que existiam nas diversas localidades do Recôncavo da Bahia entre fins do Século XIX e das duas primeiras décadas do Século XX – período e local onde se procedeu a organização da Capoeira: seus fundamentos foram codificados no berimbau e nos cantos, com propósito político e social (ABREU, 2017; COUTINHO, 1993; PINHEIRO, 2010; REGO, 1968; SANTOS, 1991).

A capoeira veio da africa trazida pello africano todos nois sabemos disço porem não era educada quem educor ella famos nois baiano para sua defeiza pessoal que estar nois meios social (Noronha: COUTINHO, 1993, p. 18-19). A capoeira foi praticada pelos africanos que vieram da África acorrentados prá trabalharem nos engenhos. A capoeira nasceu dentro de Santo Amaro e Cachoeira, no Brasil. Depois foi que se espalhou (Cobrinha Verde em SANTOS, 1991, p. 20).

Faz-se necessário apontar que estes ‘antigos’, detentores dos saberes – dentre eles, Cobrinha Verde, Noronha, Totonho de Maré, Livino, Amorzinho, Aberrê e Cândido Pequeno – denominavam a Capoeira que praticavam de Angola:

A capoeira Angola é a luta do mundo construída pelos africanos (Cobrinha Verde em SANTOS, 1991, p. 20). Este livro esta escrito algum fundamento da capoeira angola do esta da bahia (Noronha: COUTINHO, 1993, p. 17).

Contudo, cabe aqui uma reflexão: incontáveis capoeiristas tem a Capoeira Angola como a ‘mãe’ (no sentido de geradora) dos demais estilos. E tal premissa se baseia no entendimento que a Capoeira praticada na temporalidade ‘pré Mestre Pastinha’ era denominada de Angola. Porém, o termo Angola exprimia uma reverência dos ‘antigos’ aos africanos e suas lutas cotidianas em terras brasileiras. No entanto, as últimas levas de africanos obrigados a vir para o Brasil para o trabalho escravo, não eram originários dos povos da rota Congo-Angola e sim da rota do Delta do Rio Níger – os sudaneses do norte daquele continente. Então, a Capoeira ‘pré Mestre Pastinha’ seria mais Nagô que Angola, mas isso são informações históricas que poucos capoeiristas tinham acesso àquela época.

O meu entendimento é que existe uma Capoeira Angola, organizada, metodizada, ressignificada e, portanto, criada por Mestre Pastinha para ser

socialmente aceita à época, cuja nomenclatura já está consolidada e mundialmente disseminada. E tal fato deve ser respeitado, porém contextualizado, pois antes dessa criação existia uma única Capoeira, “de origem angola” (Noronha: COUTINHO, 1993, p. 48) – que por evidências históricas seria talvez uma Capoeira muito mais Nagô ou Sudanesa – e, neste texto proponho nominá-la de Ancestral por ser a única das existentes nos dias de hoje com a preservação dos fundamentos criados e codificados em conformidade a uma episteme afrocentrada, um pensar Nagô (SODRÉ, 2017).

Assim, a denominação ‘Capoeira Ancestral’ apresenta mais sentidos, pois como Abbagnano (2012, p. 554) apresenta, o “... princípio “fundamental” é o que estabelece condição primeira e mais geral pela qual alguma coisa possa existir, e ciência fundamental é a que contém as condições que possibilitam as outras ciências...”. Fazendo uma transposição conceitual (ousadia de minha parte), a Capoeira Ancestral foi (e ainda é) o fundamento das demais Capoeiras. Essa Capoeira desenvolvida entre os anos 1850 a 1930 foi a ‘ciência’ (no sentido de produção de conhecimento: um saber social e politicamente orientado; com uma episteme e métodos próprios e pertinentes ao seu contexto fundante; sabedoria) que possibilitou a existência de outras ‘ciências’ (os estilos: Regional, Angola e Esportivo). Posso trazer, para futuras reflexões, que a Capoeira Ancestral foi a ‘ciência mãe’; que ela é a ‘Capoeira mãe’.

Por fim, apresento um quinto estilo de Capoeira: o primitivo. Escrevi anteriormente que a Capoeira Ancestral ocorreu por uma necessidade à época de uma organização política e social de uma codificação de seus saberes. Porém, a Capoeira existiu por cerca de trezentos anos sem tal organização, com a finalidade de luta corporal, por sobrevivência.

O termo ‘primitivo’ é um adjetivo, de origem etimológica do Latim (*primitivus*), que significa “de primeira origem; original, inicial, inaugural”; “dos primeiros tempos; primordial, primeiro”; “que não é derivado; básico, primário”; “diz-se de **[algo – grifo meu]** em começo de evolução, ou muito pouco diferenciado de seus antepassados mais remotos” (FERREIRA, 2009, p. 1630). E foi exatamente isso: este estilo de Capoeira foi o primeiro a se constituir em solo brasileiro e que sua constituição se deu pela associação de gestos corporais, fundamentos e ‘o espírito’ das lutas africanas, dos mais diferentes povos (JOGO DE CORPO, 2013) – sincretizadas no

Brasil como contraponto ao sistema escravocrata. Daí, a pertinência desta adjetivação à origem da Capoeira.

Em uma análise superficial e simplificada da constituição histórica e cultural afro-brasileira da Capoeira, sugiro, a título de especulação, inclusive para futuros estudos, que os Bantos (povos predominantes da região de Angola) provavelmente foram responsáveis pela gênese e aperfeiçoamento da Capoeira Primitiva – enquanto luta corporal violenta; de condição social predominantemente rural. Enquanto os Sudaneses (povos predominantemente Nagôs) podem ter sido responsáveis por educar esses corpos primitivos (no sentido lato de educação física) – alterando a luta em jogo estratégico, através do berimbau e cantos; em condição social predominantemente urbana.

A capoeira [...] foi trazida da africa porem foi educada no esta da bahia (Noronha: COUTINHO, 1993, p. 27). Então, eles, os africanos, foram treinando e foram estudando (Cobrinha Verde em SANTOS, 1991, p. 20).

Jogo aqui (jogar Capoeira respeitando os fundamentos ancestrais – vadiação) não pode ser confundido com esporte; pelo contrário, uma prática corporal com alta demanda cognitiva e que se aproxima mais com os sentidos subjetivos da malícia e da malandragem.

A capoeira angola é uma luta. A primeira do mundo. É original, por isso ela não tem disputa. Não pode. Dois angoleiros que entendem da luta não podem disputar, porque na luta mesmo um quer vencer o outro e um pode aplicar um golpe suicida (mortal) (Cobrinha Verde em SANTOS, 1991, p. 20)

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar as Capoeiras trazendo uma árvore como metáfora: Esportiva (copa); Angola e Regional (galhos); Ancestral (tronco); Primitiva (base do tronco – de onde saem as raízes); diversas manifestações corporais de luta presentes no África, à época (raízes). Independente de ‘sobrenomes’, rótulos, o mais importante é ter a compreensão que, atualmente, existem Capoeiras. Não faz mais sentido se remeter à Capoeira, no singular, ou tratar a Capoeira como única – isso desvaloriza sua complexidade; negligencia seu pluriverso; e colabora para manter

uma visão positivista/ocidentalizada sobre um fenômeno que requer uma percepção decolonizada.

Vale ressaltar que não existe uma Capoeira melhor ou pior, boa ou ruim; afinal, uma árvore se constitui com todas as suas partes. Os cinco estilos tem suas tradições e carregam, em maior ou menor grau, alguns fundamentos ancestrais daqueles que criaram esta luta e jogo no Brasil.

Por outro lado, reconhecer a existência desta multiplicidade de Capoeiras permite a compreensão que o estilo Ancestral – que inseriu o berimbau e os cantos narrativos na Capoeira (com funções, métodos e propósitos, de resistência política e social e preservação cultural); e que suportou, e ainda suporta, os demais estilos ('mãe' da Regional e Angola e 'avó' da Esportiva) – a aproximadamente um século vem sendo propositalmente silenciado, seus Mestres invisibilizados e seus fundamentos simplificados e/ou anulados em função dos anseios mercadológicos e financeiros de muitos Mestres dos demais estilos que insistem em simplificar para comercializar, internacionalizar, esportivizar, mediatizar e profissionalizar 'a Capoeira'.

Neste sentido, o que queremos preservar? No formato em que o IPHAN publicou (BRASIL, 2007), os fundamentos ancestrais não constituíram o foco das políticas de salvaguarda. Com isso, o próprio Estado não reconhece a Capoeira Ancestral, contribuindo para sua inviabilização ao fomentar a bipolaridade mercadológica das Capoeiras Esportiva, Angola e Regional. Como Mestre Noronha deixou registrado em seus manuscritos: "... uma luta de grande valor que o mundo todo quer tapitar o seu fundamento..." (COUTINHO, 1993, p. 35).

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ABREU, F. J. *Bimba é Bamba: a capoeira no ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ABREU, F. J. *O Barracão do Mestre Waldemar*. Salvador: Zarabatana, 2003.
- ABREU, F. J. *Capoeiras*. Bahia, Século XIX – Volume I. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005.
- ABREU, F. J. *Macaco Beleza e o Massacre do Tabuão*. Capoeiras: Bahia, Século XIX – Volume II. Salvador: Barabô e Instituto Jair Moura, 2011.
- ABREU, F. J. (Org.). *Improviso de Pastinha – Série Manuscritos nº.1*. Salvador: Acervo Frede Abreu Capoeira, 2013.
- ABREU, F. J. *O Batuque: a luta braba*. Salvador: Instituto Frede Abreu e Gráfica LuriPress, 2014.
- ABREU, F. J. *Nagé: o homem que lutou capoeira até morrer*. Salvador: Barabô, 2017.
- BARBANTI, V. O que é esporte? *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006.
- BRASIL. Dossiê. *Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Ministério da Cultura, Brasília: MEC, 2007.
- COUTINHO, D. *O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos do Mestre Noronha*. Brasília: DEFER/CIDOCA-Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira, 1993.
- DOWNEY, G.; ABREU, F. J. (Orgs.). *Mestre Pastinha: Como eu penso? Despeitados?* – Série Manuscritos nº.2. Salvador: Instituto Jair Moura / Acervo Frede Abreu Capoeira, 2013.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.
- JOGO DE CORPO – Capoeira e Ancestralidade. Produção, Realização e Direção: Richard Pakleppa (Land Productions). Co-Produção, Co-Realização e Co-Direção: Matthias Röhring Assunção (Mangangá Produções) e Mestre Cobra Mansa. Pesquisador: Matthias Röhring Assunção. Etnomusicóloga e Assistente de Pesquisa: Christine Dettmann. Consultora: Mariana Candido. Participaram no Brasil: Mestres Cobra Mansa, Silas, Levi, Euclides, Russo, Peixinho de Caxias, Velho, Moraes; Contramestre Guaxini; Cara Preta, Pedro Feliciano, Renatinho, Camila, Dó.

Participaram em Angola: Virgílio Sincopela, Soba Patrício Viliwiliwa, Angelino, Tchimbundo, Emília Huamba, Tchitula Pahula, Balthazar João Tchatoka, Soba Agostinho Tchiputo, Manuel Kapianga, Soba Pingafana Choea, Lombolene Kihapela, Kahani Waupeta, Muhalambaji Moendangola, Munekavelo Katumbela, Utomba Chindonga, Kajambanga Muvale, Maurício Mumbalo, Agatha Nangombe, Felipe Kapueya, Angelina Lombe, Alberto Vakussunga, Lito Ginga, Melânia Mulombe Ginga, Eva Katorze Hautalala, Carolina Kapweya, Luisa Kapweya, Carolina Kapweya, Albertina Mateus, Carla Kapweya, Isabel da Purificação Hipólito; Comunidades do Quiteve, do Bonga, do Humbe, de Mucope. Intérpretes: Tchilulu Ntchongolola, Angelina Lombe. Narração: Mestre Cobra Mansa. Rio de Janeiro / Johannesburg: Mangangá Produções / On Land Productions, c 2013. 1 DVD (87 min), color. Documentário.

MIGNOLO, W. D. *Desobediência Epistémica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

PALHARES, L. R. *O Berimbau Ensina! o segredo de São Cosme quem sabe é São Damião, camará*. Diamantina: UFVJM, 2018.

PALHARES, L. R.; NONATO, F. F. Capoeira Ancestral: decolonizar para preservar. *In: Encontro de Estudos Rurais – Guimarães Rosa e o Espaço Social Rural: narrativas interdisciplinares descolonizadoras*, 1., 2018, Diamantina. *Caderno de Resumos...* Diamantina: Programa de Pós Graduação em Estudos Rurais da UFVJM, 2018, p. 65-66.

PINHEIRO, P. C. [Compositor e Intérprete]. *Capoeira de Besouro*. Rio de Janeiro: Quitanda / Biscoito Fino (Brasil), c2010. 1 CD (ca. 58 min 37 s). 15 faixas.

POEL, F. V. D. (Frei Chico). *Dicionário da Religiosidade Popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

REGO, W. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

SANTOS, M. *Capoeira e Mandingas: Cobrinha Verde*. Salvador: A Rasteira, 1991.

SODRÉ, M. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)
Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2019

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424
Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.